

MUXUANGO

O MUXUANGO é um tipo rústico da planície de restingas encontrada entre a população rural da costa e da baixada fluminense.

De acordo com ALBERTO LAMEGO FILHO, que o estudou, sobretudo no livro intitulado *Na Planície do Solar e da Senzala*, (Livreria Católica, Rio de Janeiro, 1934, págs. 101-107), o muxuango vive disperso tanto nos areais que cobrem o trecho costeiro situado aquém e além da foz do Paraíba do Sul, como na zona ondulada do município de São João da Barra, que lhe fica ao norte. Daí para sul, o tipo pode ainda ser encontrado mais ou menos com as mesmas características até as proximidades da cidade de Barra de São João.

Em geral, o muxuango é um sítiante que não entra na massa do proletariado agrícola. A explicação do fato decorre da facilidade que o muxuango dispõe para entrar na posse de um sítio em vista do baixo custo das terras, que são freqüentemente pobres sob o ponto de vista agrícola.

Como o solo em que trabalha é quase sem valia e devido, também, à precariedade dos meios de transporte, as culturas empreendidas deixam de ser remuneradoras. Esta circunstância importante impede, então, o muxuango para outras atividades, que se realizam complementarmente. Nesse sentido, o muxuango passa a executar trabalho de pesca e caça nas lagoas sem prejuízo, porém, das pequenas plantações de abóboras e de variedades de mandioca, feitas, de ordinário, sobre as porções mais cultiváveis das terras disponíveis.

O gênero de vida peculiar do muxuango é completado por variada e expressiva atividade industrial rudimentar. Assim, tanto fabrica a farinha de mandioca, como aproveita o barro existente instalando olarias primitivas: tanto se dedica à indústria elementar de cestas, como se entrega ao preparo do peixe seco, salgado. O aspecto complementar do gênero de vida do muxuango se completa, finalmente, com a criação, que se realiza, em pequena escala, nos sítios dispersos pela planície das restingas.

Tirando partido das possibilidades que o meio natural lhe oferece, o muxuango consegue levar até às feiras típicas, locais, os diferentes produtos recolhidos de suas modestas propriedades. É o que sucede particularmente em Gargaú, localidade situada a noroeste de Atafona, a uns dez quilômetros desta vila pertencente ao município de São João da Barra.

Com seu espírito de arguto observador, LAMEGO deu-nos, em 1934, uma expressiva descrição da feira muxuanga de Gargaú. E escreveu: "A feira de Gargaú é um mostruário semanalmente aberto, uma completa exibição do seu labor. A afamada farinha é o principal produto. Mas também compra-se, vende-se e "breganha-se" do robalho fresco à tainha seca, animais de sela e corte, gamelas e gaiolas, sabiás da praia e papagaios, rêdes, juquiás, puçás, cestas, tipitis, jacás, arupemas e painéis de barro, esteiras e samburás, cordas e artefatos de couro".

Com seu estilo próprio, o escritor transmite-nos o colorido especial que o muxuango imprime ao quadro da feira de Gargaú: "Por ali vaga o muxuango endomingado, num ambiente todo seu. Chega ao trote duro das "pulitanas" ou na mesa dos carros de bois, arrastados horas a fio pelos areais. Vem de longe. Traja terno de riscado e camisa de zefir. Colarinho é luxo. Mesmo os de mais posse têm o andar sempre cansado de quem passou a vida arrastando perneiras, marchando sobre areias, clapatando em atoladiços".

No Dicionário da Terra e da Gentê do Brasil, (4.^a edição, vol. 164, série 5.^a, da Biblioteca Pedagógica Brasileira, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1939, pág. 283), BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA define muxuango como sinônimo de caipira, tabaréu, mucufu, etc., usado sobretudo na zona de Campos dos Goitacases. E acrescenta que VALDOMIRO SILVEIRA grafa muxuango, e com este título publicou um livro de contos editado pela Livreria José Olímpio, Rio de Janeiro.

Realmente o ar tímido e arisco do muxuango é o de um caipira do interior do país. LAMEGO procura explicar que o muxuango, "homem da costa largado a si numa terra improdutiva, a braços com o brejo, com a areia e com a vegetação raquítica, maranhosa e espinescente, esmorece numa luta estéril. Dia a dia, ano a ano, século a século involui. O espírito empaula-se numa letargia de aborígene. A ambição desaparece. As idéias diluem-se. Decresce a iniciativa. Cessa a combatividade. O ariano civilizado volta à selvajaria, acaiprando-se. É um vencido. A terra subjugou o homem. A impassibilidade topográfica como que reproduz a impassibilidade humana. Aumenta-lhe a apatia, a escassez de vitaminas na alimentação de paçoca, carne seca e peixe salgado. A face pálida e inexpressiva do muxuango, côr das areias, revela a verminose, o paludismo e a anquilostomíase".

O muxuango é um tipo exclusivamente branco. Em geral é magro e de estatura variável. Os olhos são freqüentemente verdes ou azulados. Os lábios são finos e o nariz quase sempre reto. LAMEGO os considera como sendo dolicocefalos, e nêles verificou a abundância do tipo louro. A explicação da existência desse curioso tipo étnico, disperso pelas terras baixas, costeiras, do chamado norte fluminense, não seria fácil. O assunto caberia ser elucidado por especialistas outros que não geógrafos.

Embora a família muxuanga seja muito prolífera nem por isso a casa que ela ocupa é suficientemente ampla. Pelo contrário. A habitação é sempre pequena, baixa e de compartimentos acanhadíssimos. Quase sempre a casa é de côr branca e, muitas vezes, isolada na solidão dos areais. A cobertura de telhas ou de tabuinhas prevalece, entretanto, nos sítios dos muxuangos mais ricos onde a engenhoca pode aparecer para imprimir algum dinamismo à monotonia freqüente das paragens em derredor. Todavia, nas encruzilhadas dos caminhos, as casas costumam juntar-se e, nesse caso, duas ou três, ou três ou quatro, podem marcar a extensão da aglomeração muxuanga. de resto sempre animada pela criançada loura de olhos claros e azulados. O desenho, ao lado, de PERCY LAU procura apresentar, baseado em fotografias um aspecto da feira muxuanga de Gargaú.

Segundo a informação oral do geógrafo LÚCIO DE CASTRO SOARES, o povoado de Ponta Grossa dos Fidalgos, à margem norte da lagoa Feia, representa bem o tipo da aglomeração urbana muxuanga. Aí, os habitantes vivem sobretudo da pesca do robalho e praticam unicamente uma agricultura de subsistência. Alguns dedicam-se à criação, em pequena escala.

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA

